

Decisão do Tribunal Internacional de Justiça sobre as Obrigações de Israel como Potência Ocupante

Em **18 de dezembro de 2024**, a **Assembleia Geral das Nações Unidas (UNGA)** adotou a **Resolução 79/232**, solicitando um **parecer consultivo** do **Tribunal Internacional de Justiça (ICJ)** sobre *“as obrigações de Israel em relação à presença e atividades das Nações Unidas, outras organizações internacionais e Estados terceiros nos Territórios Palestinos Ocupados (OPT) e em relação a eles.”*

Em **22 de outubro de 2025**, o **ICJ** emitiu seu **parecer consultivo**, abordando o quadro jurídico que rege as obrigações de Israel como **potência ocupante** e suas responsabilidades para com as Nações Unidas, outras organizações internacionais e Estados terceiros envolvidos em atividades humanitárias e de desenvolvimento no OPT.

O Tribunal **confirmou sua jurisdição** sob o **Artigo 65 do Estatuto do ICJ** e o **Artigo 96 da Carta da ONU**, afirmando que a Assembleia Geral era competente para buscar sua orientação. Rejeitou **objeções** de que o pedido era de natureza política ou se sobrepunha a questões pendentes no Tribunal no caso *África do Sul contra Israel (Aplicação da Convenção sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio)*. Não encontrando **“razão convincente” para recusar o pedido**, o Tribunal enfatizou que a questão era de **caráter jurídico** e estava plenamente dentro de sua função consultiva.

É crucial enfatizar que o **mandato do ICJ neste caso era interpretativo, não investigativo**. O Tribunal **não foi encarregado de verificar ou julgar a conduta real de Israel**, mas de **esclarecer as obrigações jurídicas de Israel** sob o direito internacional como potência ocupante e Estado-membro da ONU. Embora o Tribunal estivesse ciente de numerosos relatórios da ONU e da mídia que alegavam violações em Gaza e na Cisjordânia, ele não avaliou ou decidiu sobre esses fatos de forma independente. As informações contextuais apresentadas aqui sobre as ações de Israel e as condições humanitárias, portanto, **não são extraídas do próprio parecer consultivo**, mas de **fontes públicas e bem documentadas** que ajudam a ilustrar a relevância e a gravidade das conclusões do Tribunal.

Israel é uma Potência Ocupante

O ICJ reafirmou que **Israel permanece a potência ocupante na Faixa de Gaza** e em outras partes dos **Territórios Palestinos Ocupados** no sentido do **Artigo 42 dos Regulamentos de Haia de 1907** e da **Quarta Convenção de Genebra de 1949**, apesar do chamado *“desengajamento”* em 2005. Embora Israel tenha retirado sua presença militar permanente e assentamentos de Gaza naquela época, o Tribunal observou que Israel continua a **exercer controle efetivo** sobre **fronteiras, espaço aéreo, águas territoriais, re-**

gistro populacional e infraestrutura essencial, mantendo assim o grau de autoridade que define a ocupação sob o direito internacional.

O Tribunal esclareceu que o **controle efetivo**, e não a **estacionamento físico de tropas**, determina se existe uma ocupação. Assim, Israel **assume toda a gama de obrigações jurídicas** de uma potência ocupante, incluindo o **dever de proteger civis**, garantir **ordem pública e segurança** e respeitar a **soberania e os direitos da população ocupada** sob o direito humanitário internacional e o direito dos direitos humanos.

Obrigações para o Bem-Estar da População Civil

Sob os **Artigos 55 e 56 da Quarta Convenção de Genebra**, uma **potência ocupante tem a responsabilidade primária e direta** de garantir o **suprimento de alimentos, cuidados médicos e saúde pública** da população sob seu controle. Essas são **obrigações incondicionais**, a serem cumpridas **às custas do ocupante**.

Somente quando a potência ocupante está **genuinamente incapaz** de prover para a população ela pode aceitar e facilitar operações de socorro por outros Estados ou organizações humanitárias imparciais. Mesmo assim, o **Artigo 59** a obriga a “**concordar e facilitar**” tais operações “**por todos os meios à sua disposição**”. Qualquer **obstrução ou restrição** aos esforços de socorro é contrária à Convenção e, se causar privação ou fome, pode constituir uma **grave violação** e um **crime de guerra** sob o direito internacional consuetudinário.

A opinião do Tribunal identifica esses deveres em termos jurídicos abstratos; ela **não avalia a conduta de Israel** em Gaza. No entanto, extensos relatórios da ONU e humanitários documentaram restrições generalizadas a alimentos, combustíveis e suprimentos médicos — condições que correspondem estreitamente às proibições jurídicas descritas pelo ICJ.

Proibição de Fome e Punição Coletiva

O ICJ **reafirmou** que a **fome de civis como método de guerra é absolutamente proibida** sob o **Artigo 54 do Protocolo Adicional I (1977)**, os **Artigos 55–59 da Quarta Convenção de Genebra** e a **Regra 53 do direito humanitário internacional consuetudinário**. A proibição se estende a qualquer política ou ação que prive uma população civil de objetos indispensáveis à sua sobrevivência, incluindo alimentos, água, combustíveis e medicamentos.

Embora o Tribunal não tenha avaliado evidências de conduta no terreno, esclareceu que a **obstrução intencional de socorro** ou a **manipulação de suprimentos essenciais** poderia equivaler a **graves violações** e **crimes de guerra** sob o direito internacional. O **padrão jurídico** é, portanto, claro, mesmo que o Tribunal não o tenha aplicado a circunstâncias factuais.

Relatórios independentes de agências da ONU e organizações humanitárias indicam que as restrições impostas a Gaza resultaram em **fome aguda e colapso médico**. Embora esses relatos não tenham sido examinados pelo Tribunal, eles ilustram o **tipo de situação**

que o raciocínio jurídico do ICJ aborda diretamente — uma em que a privação de bens essenciais, se intencional, constituiria o **uso da fome como método de guerra** e uma **forma de punição coletiva** proibida sob o **Artigo 33 da Quarta Convenção de Genebra**.

O Tribunal também reafirmou que tais proibições são **não-derrogáveis**. Mesmo em situações de conflito armado ou preocupações legítimas de segurança, **os Estados não podem invocar argumentos de segurança para justificar violações de normas peremptórias do direito internacional**, incluindo as proibições de fome, punição coletiva e negação da autodeterminação. Essas obrigações são **absolutas e vinculantes**, independentemente de circunstâncias militares ou políticas.

Obrigações como Estado-Membro das Nações Unidas

Como **Estado-membro da ONU**, Israel é obrigado a **cooperar de boa-fé** com a Organização sob os **Artigos 2(2) e 2(5) da Carta da ONU**, e a respeitar os **privilégios e imunidades** das Nações Unidas, suas agências e pessoal sob o **Artigo 105 da Carta** e a **Convenção de 1946 sobre os Privilégios e Imunidades das Nações Unidas (CPIUN)**. Essas proteções permanecem em vigor durante conflitos armados e ocupações.

O ICJ reafirmou que Israel deve **respeitar e proteger o pessoal, propriedades e instalações da ONU**, e deve **permitir e facilitar as operações das agências da ONU**, particularmente aquelas envolvidas em ajuda humanitária, como a **UNRWA**. O Tribunal não fez constatações sobre incidentes específicos, mas enfatizou que a interferência nas operações da ONU ou ataques ao seu pessoal constituiriam **graves violações do direito humanitário internacional**.

Para contexto, fontes da ONU relatam que entre **outubro de 2023 e o final de 2025, mais de 190 funcionários da ONU** — quase todos da UNRWA — foram **mortos em operações militares israelenses em Gaza**, marcando o **maior número de vítimas entre o pessoal da ONU** desde 1945. Complexos e escolas da ONU, cujas coordenadas foram fornecidas às autoridades israelenses, foram repetidamente atingidos. Embora o ICJ não tenha avaliado esses fatos, sua opinião define o quadro jurídico dentro do qual tais ações devem ser avaliadas.

Israel Não Deve Impedir a Autodeterminação do Povo Palestino

O **direito dos povos à autodeterminação** é uma **norma peremptória do direito internacional (jus cogens)** e um pilar do sistema da Carta da ONU. Ele é refletido nos **Artigos 1(2) e 55 da Carta da ONU**, no **Artigo 1** de ambos o **ICCPR** e o **ICESCR**, e é reconhecido como uma obrigação **erga omnes** devida à comunidade internacional como um todo.

Em seu parecer consultivo de 2025, o Tribunal decidiu que Israel **não deve impedir o exercício desse direito pelo povo palestino**, incluindo por meio da **obstrução de operações da ONU ou de Estados** que promovem seu bem-estar e desenvolvimento. A exten-

são da lei doméstica ou controle administrativo israelense ao OPT, constatou o Tribunal, é **incompatível com essas obrigações** e prejudica a autogovernança palestina.

O ICJ lembrou seu **parecer consultivo de 2024**, que declarou **os assentamentos israelenses na Cisjordânia ilegais** e exigiu que Israel **cessasse a expansão, evacuasse os assentamentos existentes e proporcionasse reparações**. Embora a opinião de 2025 não tenha examinado desenvolvimentos subsequentes, registros públicos indicam que Israel **continuou a expandir os assentamentos**, e líderes políticos **defenderam publicamente a anexação**. Essas observações, extraídas de relatórios externos, fornecem contexto para entender a erosão contínua da autodeterminação palestina à luz das decisões anteriores do Tribunal.

Conclusão

O **Parecer Consultivo do Tribunal Internacional de Justiça de 2025** representa uma reafirmação pivotal das obrigações jurídicas que regem a presença de Israel nos Territórios Palestinos Ocupados. Ele esclareceu, mas não julgou, os deveres de Israel como potência ocupante, Estado-membro da ONU e participante da ordem jurídica internacional. O papel do Tribunal foi **definir o direito**, não **avaliar evidências ou atribuir culpa** — uma distinção que preserva a imparcialidade judicial enquanto oferece uma interpretação vinculativa das normas internacionais.

No entanto, a opinião fornece um **quadro jurídico claro** dentro do qual as ações de Israel podem ser avaliadas por outros órgãos competentes. Ela estabelece que:

- Israel permanece a **potência ocupante** em Gaza e na Cisjordânia;
- Tem a **responsabilidade primária** pelo bem-estar dos civis;
- Deve **respeitar as operações da ONU e proteger o pessoal humanitário**;
- Não deve **impedir a autodeterminação palestina**; e
- Deve **se abster de qualquer conduta que equivalha a fome, punição coletiva ou anexação**.

O Tribunal também reiterou que **essas obrigações são absolutas e não-derrogáveis**. Considerações de segurança, por mais graves que sejam, **não podem legalmente sobrepor-se a normas peremptórias**, como as proibições de fome, punição coletiva e negação da autodeterminação.

À luz das conclusões do ICJ e do crescente corpo de evidências sobre as condições em Gaza e na Cisjordânia, a **Assembleia Geral da ONU deveria agora considerar solicitar ao Tribunal Penal Internacional (TPI) que avalie a conduta de Israel** à luz das **medidas provisórias de 2024**, do **parecer consultivo de 2024** e do **parecer consultivo de 2025**. Tal iniciativa deslocaria o foco da clarificação para a **responsabilização**, garantindo que violações de normas peremptórias sejam submetidas a escrutínio judicial.

Além disso, a Assembleia Geral poderia estender essa investigação para incluir **as obrigações dos órgãos da ONU e dos próprios Estados-membros**, avaliando se suas ações —

ou inações — atenderam aos padrões de boa-fé e cooperação exigidos pela Carta da ONU e pelo direito internacional.

A **jurisprudência do ICJ** fornece, portanto, não apenas uma declaração do direito, mas também um **caminho para a aplicação**. Defender essas decisões é essencial para preservar a integridade do direito internacional, a credibilidade das Nações Unidas e os princípios universais de justiça e humanidade nos quais ambos se fundamentam.